

CADERNO DE SONHOS

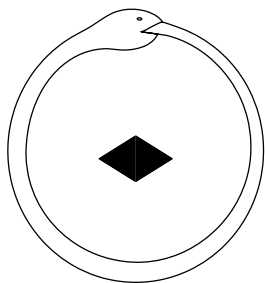
Ana Miranda



cadernos
SELVAGEM

Apague a luz e depois
apague a luz.

Shakespeare



CADERNO DE SONHOS

Ana Miranda

Publicado pela primeira vez em 2000 pela Dantes Editora.

Quando o sol se põe, as luzes se apagam e nossos olhos se fecham, somos lançados num outro mundo, o mundo dos sonhos, um reino de absurdos povoado por seres que não conhecemos, onde se passam acontecimentos incontroláveis, alguns líricos, outros bárbaros, hediondos ou depravados, um pouco parecido com o mundo da arte, em que amamos sem amar, matamos sem matar, morremos sem morrer. A nossa percepção nos comprova, nesse momento; que há outros mundos diferentes de nossa “realidade”, poderosos, capazes de mudar nosso comportamento e nos levar a gestos que não compreendemos. A mente humana, mesmo a daquelas pessoas que não se dão conta disso, é uma trama de mundos que se influenciam, numa obsessiva continuidade. Ao raiar da manhã saímos desse lugar obscuro, inconsciente, deixamos que fique adormecido, passamos a ter controle sobre ele, e habitamos um mundo exterior legível, porém inexorável. Assim vivemos um pouco cegos, distantes da inquietação da loucura. Mas quando a noite retorna, somos novamente tragados pelos mundos irrealis, parecidos com a morte e com a infância.

Aprendemos muito cedo a conviver com a angústia noturna. A noite é traiçoeira. Os livros infantis e as babás contam histórias aterrorizantes, vivemos entre perpétuas e invisíveis ameaças. Quando pequena, eu tinha receio de ficar acordada, porém sentia ainda mais medo dos sonhos. Guardava na minha lembrança o horror de meu primeiro pesadelo, aos seis, ou sete anos de idade, em que uma sócia caminhava por uma estrada deserta, na minha direção. Tive tanto medo da aproximação da múmia que acordei suada e com o coração palpitante. Eu usava erradamente a palavra sócia, sem saber o significado, pensava que era múmia. Já tinha pavores secretos de encontrar a mim mesma.

No entanto, logo ao entrar na adolescência passei a observar os sonhos com interesse literário, e a anotá-los. Não lembro como isso começou, nem os motivos que me levaram a escrevê-los. Talvez precisasse de ajuda, talvez quisesse me livrar de minha assustadora personalidade

noturna. Havia alguém no meu interior diferente de quem eu acreditava ser, do que eu conhecia de mim. Sei que foi uma decisão intuitiva, porém mais tarde descobri que essa é uma antiga prática literária, há escritores de sonhos, como o norte-americano Van Dusen; ou o próprio Freud, que anotou e interpretou clássicos da literatura onírica, sonhos seus, como o da garganta de Irma, e sonhos de seus pacientes, como o dos lobos na árvore; ou, ainda, Jung, que tinha um sonho recorrente de portas que davam num laboratório zoológico onde ficava, atrás de uma cortina, a cama de sua mãe, vazia. A literatura é repleta de menções a sonhos, quando não por eles constituída. Há obras literárias escritas por visionários sonhadores, como William Blake, ou Goethe, que, com o Romantismo, rejeitaram o pensamento racionalista em favor do poder criativo da imaginação. Assim, à medida que eu me interessava pela literatura, me interessava pelos sonhos, e quanto mais me envolvia com os sonhos, mais era absorvida pela literatura.

O sonho é uma espécie de experiência literária. Quando ele acontece, sabemos que nosso corpo está dormindo, mas a mente fica acordada. Sentimo-nos imóveis, tomados de uma sensação de impotência, massacrados por questões pequenas que parecem imensas. Os sentidos também estão adormecidos, não temos tato, não ouvimos o que se passa em torno, não percebemos cheiros, nem sabores, e não vemos com os olhos, que estão fechados. Mas, incrivelmente, mesmo de olhos fechados, vemos. Vemos a imaginação, uma ficção alucinada cheia de significados ocultos, que nos desperta sentimentos e lembranças dos sentidos.

Como não podemos reagir aos sinais do cérebro, usamos a imaginação. Parece simples, mas é um dos mais antigos, subjetivos e profundos mistérios da mente. E como na literatura, a linguagem do sonho é o que mais importa.

O ser humano sempre teve a ânsia de compreender os sonhos, uma proeza que nem a ciência nem a arte conseguem realizar. Soam um pouco pueris as tentativas dos cientistas, com fios e eletrodos medindo as intensidades das ondas do cérebro ou dos rápidos movimentos dos olhos, tentando relacioná-las com os sonhos de uma maneira racional. Parecem um tanto fantásticas as associações feitas por Freud entre os sonhos e os danos emocionais causados, na infância, pelas repressões e distorções do

instinto da vida, especialmente o instinto sexual. A interpretação de Artemidoro, em sua fabulosa compilação, *Oneirocritica*, que tanta influência teve nas interpretações posteriores, serve mais como um retrato da mentalidade de sua época. E embora Borges costume nos surpreender com a revelação dos significados, suas observações acerca dos sonhos os tornam ainda mais enigmáticos. O sonho é um mundo imperioso. As palavras parecem inadequadas para explicá-lo. Talvez fosse preciso se inventar um outro sistema, tão fabuloso quanto o alfabeto o é para a transmissão do pensamento; um sistema mais próximo do ideograma. Tentamos entrar no mundo dos sonhos, relatando-os, e assim percebemos que as palavras não são uma linguagem adequada nem mesmo à anotação onírica, assim como não são adequadas à poesia. Além disso, não é possível escrevermos enquanto dormimos, embora possamos sonhar que estamos escrevendo. Porém o exercício de escrever os sonhos na flagrância, um ato quase irracional, permite se revelar um pouco desse mundo secreto, mesmo sabendo-se que a memória do sonho é apenas uma recriação desse lugar intransponível, o qual não se pode penetrar a não ser pelos valores das metáforas, pela aceitação do absurdo, ou seja, uma libertação da mente.

Escrevi diversos cadernos de sonhos. Eram cadernos, mesmo, de folhas pautadas, presas por um espiral metálico, nas quais eu fazia anotações noturnas, ou matinais, em algumas vezes longos relatos, noutras apenas frases rascunhadas ou simplesmente palavras soltas, telegráficas, que serviam de senha para que, ao despertar, eu pudesse me lembrar do episódio sonhado. Em alguns casos eu desenhava os seres oníricos: pequenos e estranhos animais peludos, felinos com asas, pássaros de fogo, homens com rabo e chifres, mulheres de dentes vermelhos. Com as anotações nos cadernos passei aos poucos a lembrar de sonhos mais distantes, e mais imaginativos. Às vezes de manhã me recordava não de um, mas de uma série deles. Conseguia capturar alguns, por palavras, outros escapuliam. E quanto mais profundos os sonhos, mais misteriosos eram os seres e os acontecimentos.

Os cadernos de sonhos se perderam. Este foi o único que restou. Escrevi-o quando estava grávida de meu filho, durante seu nascimento, e seus primeiros tempos de vida. Eu tinha vinte e um anos.



3 dez 72

Num vestido de seda nacarada danço, num terraço, com um homem de terno preto e chapéu. Ele me faz girar tanto que fico tonta. Sei que ele me faz ficar tonta porque quer tirar minha roupa e tento não ficar tonta, fechando os olhos, mas quanto mais fecho os olhos mais fico tonta. O homem me aperta a cintura, me beija, tira minha roupa, me deita no chão do terraço e faz sexo comigo. Meu pai aparece na porta, com uma vela na mão, e faz sinal para que eu fuja. Mas o homem me copulando é muito pesado e não consigo me desvencilhar. Faço um gesto para meu pai, dizendo que estou gostando, e que o homem é meu marido.

Vamos em um carro, alguém dirigindo, meu marido e eu sentados no banco de trás. De repente, numa subida, peço para dirigir. O motorista e eu trocamos de lugar. Subo a rampa, a estrada fica cheia de buracos e curvas, montes de terra e muita poeira vermelha, sobe quase em espiral, como os rodamos. É difícil controlar o carro.

Estamos andando no meio de um mato que parece a mesma paisagem do momento anterior. Vamos em direção a uma cachoeira. Vemos no meio do mato a água branca e espumosa escorrendo numa escada de pedras, natural mas perfeita.

Alguém diz, “eu imaginava que fosse diferente a cachoeira”, e ela se transforma numa enorme queda d’água, como se fosse a imaginação da pessoa, projetada. Depois volta à sua forma original de escadaria.

Quando chegamos mais perto, algumas pessoas decidem ir até o alto da escadaria. Meu marido e eu escolhemos outro caminho para irmos ao mesmo lugar. De repente estamos num castelo de pedra.

Um homem louro, com a boca vermelha de batom, chifres nos ombros, é o príncipe. No castelo, duas hordas lutam. A água vai invadir o castelo e derrubá-lo, eu sei desse segredo. Pessoas fogem por uma estrada de terra. Sou um homem correndo, muito concentrado nos meus movimentos, cada passo que dou parece ter sete léguas. Passa um carro que pára e nos leva, veloz, salvando-nos da destruição do castelo.

Volto a ser mulher e passo batom.

Descansamos num grande pátio. Vem um rinoceronte feito de placas de metal presas por pinos, um pênis curvo, imenso, assustador, e temos de copular com ele. Copulo com o rinoceronte e dói muito.

Ando por uma rua. À minha esquerda fica o mar, com uma infinidade de barcos ancorados; à direita, a cidade ao longo da estrada. Uma neblina nasce do chão e pousa sobre a cidade, encobrindo tudo, menos uma igreja, que parece flutuar. Entro na igreja e vejo nos altares imagens profanas, de casais fazendo sexo.

Volto a caminhar pela neblina. Barcos muito longos, com milhares de remos, começam a se mover, as pontas das proas viram para o alto e os barcos vão subindo, acima dos telhados. Alguns dos barcos fazem o movimento de uma foice cortando. Eles tomam o céu, como se fossem um bando de pássaros, e desaparecem.

Fico olhando as nuvens, à espera dos barcos. Sinto o chão se mexendo debaixo dos meus pés, e percebo que estou dentro de um dos barcos. Olho para baixo, vejo a igreja. Os remadores do barco remam e copulam ao mesmo tempo. Os passageiros fazem uma orgia de sexo e vinho, como as imagens da igreja. De repente eles viram estátuas. Tento me mexer, mas eu também virei estátua. Quero me mexer mas não consigo. Faço um grande esforço, e consigo quebrar a casca de pedra que me imobilizava. Pulo do barco, e vôo no céu, com uma sensação deliciosa, como se estivesse tendo um gozo sexual.



14 dez 72

Sentada à margem de um lago negro, em um lugar escuro, o céu estrelado, vejo um cisne branco a nadar. Ele é iluminado e tem movimentos harmoniosos, como os de uma bailarina. Sei que o cisne é uma mulher.

O cisne vai morrendo, lentamente, e fico angustiada porque não posso fazer nada, apenas olhar.



15 dez 72

Um homem que é, ao mesmo tempo, uma pantera preta de chifres, rodeia a minha cama. Eu só a vejo pelo espelho. Tenho de ficar sempre olhando o rosto dela, para não ser surpreendida. Passa uma ave atrás do espelho, que me distrai por um momento. Vejo no espelho que a pantera de chifres subiu na cama, ficou em cima de mim e está me copulando, mordendo o meu pescoço. Quando ela goza, suas asas se abrem, imensas. Tenho a mesma sensação infantil de prazer e medo de quando caminho por um plano inclinado.

Estou numa calçada da rua, jogando amarelinha com outras crianças. Elas jogam uma casca de banana, vão saltando de casa em casa, chegam ao céu e voltam. Na minha vez, jogo a casca de banana, vou saltando de casa em casa, mas o céu nunca chega, vou ficando cada vez mais distante das crianças, elas gritam, acenam para que eu volte, mas não consigo voltar.

Finalmente chego ao céu. O céu começa por um monte de escadarias sem sentido, para todos os lados, para cima e para baixo, cruzando-se ou passando por túneis. Subo e desço os degraus, perdida, até que chego a uma sala de tesouras. A sala é repleta de baús fechados, e sei que dentro dos baús há tesouras, que são os tesouros. Tento abrir um dos baús, mas não consigo. Um deles está virado de cabeça para baixo. Quando o levanto, as tesouras escapam e me perseguem, gritando como gralhas. Corro por labirintos com paredes que são troncos de árvores uma ao lado da outra. As árvores vão se fechando atrás de mim, e as tesouras ficam presas, fincadas nos troncos. Continuo caminhando.

Chego num castelo feito de gelo. O castelo tem pontes e mais pontes, que preciso atravessar antes que derretam. Meus pés ficam congelados, transparentes, como se feitos de gelo. Uma imensa porta se abre e vejo uma lareira. sento na frente da lareira e ponho meus pés no fogo. Eles voltam a ser de carne e osso, mas descalços. O chão agora é feito de pedras de gelo pontiagudas, que cortam meus pés. Consigo pular por uma janela, e caio num lago preto, onde

cisnes pretos nadam. Agarro o pescoço de um cisne e ele me leva até a margem. Fico deitada, extenuada, e quando consigo me refazer, vejo que estou numa sala grande, com nuvens no teto. Ao fundo da sala está um homem sentado num trono, sua cabeça é cercada por um halo de luz.

Pergunto-lhe se estou no céu. Ele faz sinal que sim, com a cabeça. Pergunto, então, se ele é Deus. Ele sorri, e vejo que tem dentes de lobo, pontiagudos, como os meus dentes de quando eu era criança. Percebo nesse instante que não sou mais criança, meu corpo se transformou no corpo de uma mulher. Estou nua, tenho seios grandes, pêlos no púbis, coxas grossas. Pergunto ao homem se ele é quem me fez ficar mulher. Ele abre a roupa, mostra seu pênis. Deita sobre meu corpo e me copula, rindo, com seus dentes de lobo.

Numa casa onde há uma piscina e um quintal, uma menina negra brinca nos galhos de uma árvore. Há uma luz amarela do sol que se põe. A casa é enorme. Entro no banheiro e encontro um cachorro preto, de orelhas compridas. Um homem lava a pia, com a língua de fora, ofegando como se fosse um cachorro. Vou para o quarto.

Deito na cama, nua. Chegam pessoas que sentam no sofá e ficam me olhando. Outras se espalham pelo chão. Dois homens pegam uma caixinha e tiram alguma coisa proibida dali de dentro. Dois meninos sobem na cama, começam uma brincadeira sexual entre eles. Depois metem as mãos por baixo de minha roupa e acariciam minhas partes sensíveis do corpo. Lambem minha pele. Enfiam seus dedos nas aberturas do meu corpo.

Eu quase morro de prazer, e grito. Os meninos fogem, como se tivessem feito alguma coisa errada. Eu digo que aqueles gritos eram de gozo, e não de medo.

Enfeito um colchão, antes de as pessoas chegarem. Pego numa gaveta camisolas, panos coloridos, lenços. Recorto tudo em tiras e espalho-as sobre a cama. Um tigre anda em torno da cama, rugindo. Um homem entra e copula com o tigre, por detrás. Uma menina sardenta vem me beijar e depois fica brincando com cubos coloridos. Outras pessoas entram, eu as cumprimento lambendo seus pescoços.

Uma mulher está sentada no colchão entre as tiras coloridas, e eu conto para ela um sonho que tive, falo do tigre e da orgia. Ela ri, zomba de mim. Diz que sou idiota.

Entro na mesma sala, a menina não está mais brincando com os cubos, pergunto por ela e me apontam numa direção. Eu a vejo sentada entre dois homens. Um deles, que é pai da menina, se levanta e me cumprimenta com um beijo na boca. Ele diz que vai viajar na quarta-feira e volta no sábado. E se oferece para trazer uns presentes para o meu bebê.

A sala vai aos poucos se misturando com o mar e estamos de repente na praia. Converso com um homem.

Vamos entrar na água, mas há muitos perigos. Caminhamos até o canto de um pier e a praia se funde de novo com a sala, as imagens se sobrepõem e não sei mais onde estou.

De um sofá olho uma mulher em frente, sentada no colo de um homem, numa cadeira de couro. Os cabelos dela são muito pretos, lisos, curtos, a pele branca como uma folha de papel, e a boca vermelha. É uma cantora famosa, lésbica. O homem desce a blusa dela e o peito, muito branco, aparece. Fico com desejo sexual.

Ela canta, como se estivesse num cabaré. Passa batom nos meus lábios e manda que eu me olhe no espelho. Abre uma porta e entro numa sala de espelhos, mas não consigo me ver de perto, não sei se o batom está borrado. Tenho medo de olhar de perto e ver um rosto diferente do meu. A cantora segura meu rosto e me obriga a me olhar de perto. O meu rosto no espelho é igual ao meu rosto verdadeiro. Fico aliviada.

Mas quando vejo as outras imagens refletidas do meu rosto, elas são todas diferentes. Grito, de medo, e tento fugir, mas não consigo. A cantora acende um cigarro e diz que eu estou jogando as minhas coisas fora.

Um homem arromba um cofre, com uma mulher sentada em seu colo. Ela admira um anel de brilhante em seu próprio dedo. Usa Óculos escuros, tem cabelos louros e veste roupa estampada. Quando me vêem, os dois param o que faziam e ficam me olhando, assustados.

Eu lhes digo que não posso condená-los pelo que fazem. Mas eles devem fazer escondido, para que eu não veja. Eles continuam a arrombar o cofre, e tiram dali as minhas jóias. Eram as jóias da minha mãe.

Eu choro.

Numa loja, faço compras. Abro minha bolsa e guardo uma caneta que me pertence. O homem da loja acha que estou roubando e, para dar razão a ele, pergunto o preço de um par de sapatinhos de bebê e os roubo. Saio da loja.

O homem me persegue na rua, eu corro mas ele me alcança. Ele me encosta a uma parede num beco e diz que se eu o beijar ele me perdoa o que fiz. Digo que não quero o seu perdão. Ele me bate e sai sangue do meu nariz e dos meus lábios. Ele diz que agora posso beijar, sangrando.



23 dez 72

Sobre um baú azul estão alguns objetos transparentes: vidros, algas, anêmonas. Dentro de um vidro há uma cobra, como se fosse feita de água. Em cima de uma cama brigo com um homem, esmurrando-o. Ele apenas se defende. Consigo derrubá-lo, ele fica com raiva de mim e vai embora. O quarto está todo desarrumado.

Arrumo a bagunça, jogo umas coisas no lixo, mas tenho a impressão de que joguei fora alguma coisa importante e reviro o lixo. Encontro dois livros: Dicionário diabólico, com gravuras, escrito pelo Baudelaire; e o Livro dos mortos, escrito pelos mortos. Desenho diabos no livro dos diabos, e anjos no livro dos mortos. Os diabos têm asas de anjos, e os anjos têm chifres de diabos. Os desenhos contêm uma revelação, um enigma que não consigo decifrar, mas me apaixona.

O homem reaparece, perto da cobra transparente. Tento explicar o que acontece, mas estou muito emocionada

e não consigo falar uma só palavra. De repente encontro a solução: na minha mão esquerda há dois anéis; de um falta a pedra e de outro, a pérola. Era isso o que eu queria dizer, e mostro a ele os anéis. Mas ele não compreende.

Encontro no chão um outro anel sem pedra. Parece uma flor fechada. É todo de ouro e desenhado com símbolos. Eu o meto no dedo anular esquerdo, e estou casada.

Há uma festa de casamento, com muitas pessoas vestidas suntuosamente. Elas me dão presentes. Mas logo que os convidados vão embora, percebo que a porta está trancada.

Três pessoas e eu estamos prisioneiras de uma bruxa velha. Ela vem correndo, levanta a saia e engole com sua vagina aberta um dos prisioneiros, mastiga-o e desaparece. Ela é minha avó.

Acordo e vejo embaixo de mim o lençol coberto por uma mancha escura. Penso: “A bolsa d’água estourou.”

Mamãe aparece numa sala, com um neném no colo, a expressão muito séria, e diz: “A bolsa d’água estourou e seu neném vai nascer antes do tempo.” Preciso ir para a maternidade. Meu marido, eu, e mais duas pessoas descemos de elevador até uma garagem, um lugar desconhecido, estamos perdidos, descubro um caminho de escadas em um labirinto e entramos por ali. Vamos dar numa rua larga. Peço a uma das pessoas para me deixar dirigir o carro até a maternidade. Ela me dá a chave. Meu marido diz alguma coisa e a pessoa fica preocupada em eu dirigir, com a bolsa d’água estourada. Mas entramos no carro, eu me vejo no banco ao lado, sei que não vou mais poder dirigir, mas mantenho a chave na mão.

O carro está parado no sentido contramão. Troco de lugar com uma das pessoas e saímos, na contramão, peço que o motorista entre na primeira rua transversal. Mas todas as entradas transversais estão cheias de uma multidão que impede a passagem. A maternidade não chega nunca.

Minha irmã, eu, e mais três pessoas estamos parados em frente a um pântano que devemos atravessar. Minha irmã é a primeira a entrar. Atravessa depressa, com a água na altura do peito. Por onde ela passa, fica um rastro. Sou a segunda, e nos primeiros passos um dos amigos me ajuda. Sinto o chão de lama sob meus pés, de repente umas pedras. Alguém grita para que eu não vá pelas pedras. Atravesso aos poucos, e quase no final aparecem índios que me dão a mão e me mostram o caminho.

Saio do pântano e chego numa pequena cidade do interior. Uma caminhonete passa, com dois homens. O carro para e os homens me fazem entrar. O motorista me pergunta se não quero ficar com a caminhonete para mim, ele precisa viajar. Paramos em frente a uma casa, eles descem do carro e desaparecem pela porta da casa. Fico esperando no carro e me lembro, então, de que já sonhei com isso. Sei que não adianta esperar, pela experiência do outro sonho. Desço da caminhonete para ir embora, mas aparece o motorista com o pai, que vem me falar sobre cifras, milhões, bilhões, que o filho empresta a juros e por isso precisa viajar. Devo ficar com a caminhonete. O filho dele está apaixonado por mim, ele diz. Lembro que no outro sonho eu tinha outro meio de transporte.

“A cavalo!”, digo. De repente, estou a cavalo, indo embora. Vou até outra casa, onde mora uma amiga e sua família. Encontro apenas uma desconhecida, à porta, enrolada numa toalha, saindo do banho. Quero tomar banho e vou

procurar uma toalha no quarto de minha amiga. Encontro toalhas empilhadas e roupas coloridas. Pego não uma toalha, mas uma saia indiana de várias cores. Depois me sinto mal por ter pego a saia sem saber se minha amiga vai usá-la.

Uma mulher fica com ciúmes ao ver meu marido brincando com outra mulher e me pede para brincar de mulher e marido com ela. Deitamos numa cama e nos abraçamos, chupo o pescoço dela e passo o dedo no rego de suas nádegas. Ela me lambe entre as pernas.

Chega meu marido com a outra mulher no colo, sem calcinha. Ele diz que estavam brincando lá fora.

A mulher demonstra muita felicidade. Digo ao meu marido que eu também quero ser feliz. Ele responde que eu sempre fui feliz, mas nunca vou poder sentir isso, pois alguém me jogou uma maldição de esquecer. Pergunto quem foi, e ele responde que foi alguém que me amava, mas já morreu, portanto a maldição não pode ser desfeita. Só se eu descobrir quem fez a maldição.

Procuro lembrar os nomes das pessoas que conheci e já morreram, mas não lembro de nenhum. Encontro um caderno de telefones, mas está em branco. Fico desesperada, pergunto a qualquer pessoa que encontro na rua se conhece alguém que já morreu. As pessoas dizem nomes de estranhos. Não consigo nunca descobrir e sofro cada vez mais, choro, quero acordar mas não consigo.

Estou procurando alguma coisa, abro e fecho gavetas, olho debaixo dos móveis, atrás das cortinas. Pergunto a pessoas se podem me ajudar a encontrar, elas perguntam o que procuro, mas não sei responder. Vasculho a casa inteira. No quintal, atrás de uma árvore, encontro o que procurava: a Magrinha e a Gina Marta, bonecas da minha infância.

Minha irmã diz que a Magrinha é dela, e devo entregá-la, mas saio correndo, para esconder novamente as bonecas. Depois que encontro um esconderijo, deixo ali as bonecas e volto a procurar alguma coisa que não sei bem o que é.

Entro num aeroporto muito movimentado. Chega um avião e vejo, de longe, duas amigas desembarcando, na pista. Uma voz no alto-falante diz: “Famosa atriz está chegando.”

Num corredor largo, repleto de gente, vem a atriz. Atrás dela homens carregam sua bagagem, que são caixotes de papelão. O primeiro está cheio de pulôveres de criança, coloridos, dispostos por ordem de tamanho. Remexo no caixote e encontro umas fotografias de mim mesma, junto com os casaquinhos. Aparece um fotógrafo e faz uma foto da atriz, fico com ciúmes. Depois ele me vê e faz também uma foto minha. A atriz lhe dá dinheiro. Ele vem perto de mim e digo: “Não pense que sou atriz, nem que tenho dinheiro.” E peço, em francês, uma cópia da foto que ele fez.

Ele não responde. Falo algo ao ouvido dele, quando chega meu marido, vindo pelo corredor. Olha a cena, com ciúmes, e continua caminhando até encontrar seu pai na multidão, e para a fim de conversar. Os dois olham para mim, com suspeita, como se eu estivesse tendo um romance secreto com o fotógrafo. Faço um sinal com a mão, indicando que nem conheço aquele homem.

Entro numa área de serviço, vem um homem e joga umas roupas lindas dentro da máquina de lavar. São roupas da atriz. Puxo do monte de roupas um vestido bordado de fios prateados, digo que aquele não pode ser lavado na máquina. A atriz aparece. Nesse momento, percebo que muitos vestidos preciosos estão pendurados na parede, como se fossem quadros.

Converso com a atriz. Ela fala que comprou a passagem à prestação e que está devendo outra. Que as roupas são para serem vendidas aqui. A vida de atriz é uma tragédia. Só então percebo que minha irmã está perto e vem me perguntar se não quero lhe vender uma das roupas. Respondo que não posso, as roupas não são minhas. Ela acha que estou mentindo, fica triste comigo e vai embora.



29 dez 72

Vou casar e visto uma camisola nacarada longa um véu e uma grinalda de flores. Ao chegar na igreja, percebo que está fechada. Fico em pé, encostada na porta da igreja, esperando o noivo. Ponho o buquê de flores entre as pernas, perto do ventre, porque as minhas mãos precisam ficar encostadas na porta da igreja. Fico assim até anoitecer. Ninguém aparece.

Sei que uma camisola não é para casar, é para dormir, e entendo que a culpa foi minha. Choro. As lágrimas caem na camisola e fazem marcas, brilhos, ela vai se transformando num vestido de noiva. O buquê, no entanto, desapareceu e percebo que ainda não vou poder casar. Olho a lua no céu, ela cai suavemente, perto de mim.

Estou numa cama branca, deitada entre várias pessoas. Chegam duas atrizes, entram no quarto, cumprimentam as pessoas. A mais bonita senta numa poltrona, e a outra, na beira da cama, de costas para mim.

As pessoas continuam conversando e me sinto furiosa, cada vez mais. A atriz se vira e dá um sorriso estranho, de uma pessoa louca, em transe. Ela usa uma blusa branca transparente, batom vermelho nos lábios, rouge nas faces e os cabelos presos.

Ela grita: “Idiotas”, com muito vigor, sua voz ecoa. As pessoas vão se retirando do quarto, sob meus gritos de súplica para que fiquem. Eu me levanto da cama e continuo meu discurso, agitando os lençóis e me sentindo cada vez mais sozinha. Alguém aparece e diz que eu não deveria ter falado nada. Que as minhas palavras sempre ferem. E sai. Fico ainda mais triste. Resolvo não falar nunca mais, nenhuma palavra.

Pela fresta de uma porta vejo pessoas reunidas, num tribunal. Vai ter o julgamento do acontecido. Sorrio para o homem que está à porta, o mesmo que me condenou nos julgamentos anteriores. Sei que vou ser condenada. O advogado de defesa me olha, com raiva de mim. Amarra meus pulsos e me leva para a cadeira de depoimento. O juiz manda tirarem a minha roupa, diz que no meu peito está escrita a verdade. Fico nua no meio da sala. Um cortejo de homens de toga e cabeleira branca, com velas nas mãos, vem para perto de mim. Um deles lê o meu peito. O juiz

pergunta o que está escrito, e o homem responde que não entende, está escrito numa língua estrangeira, que ele não conhece. Os outros homens tentam ler, mas nenhum deles reconhece a língua. O juiz manda me queimarem numa fogueira. Grito de medo, e digo que vou traduzir para eles. Mas o juiz não aceita, tem certeza de que vou mentir. Mas, se eu copular com ele, posso ser absolvida. Eu digo que não, e ele manda me prenderem a uma mesa, amarrada. Deita em cima de mim e tira da sua toga um pênis gigantesco, que me faz estremecer de medo. Ele enfia em mim o pênis, mas não sinto dor. Nem prazer. Quando ele tira o pênis, diz que agora sabe o que está escrito no meu peito. Peço-lhe para me dizer, pois eu também não sei. Ele sorri, e vai embora, seguido do cortejo, todos às gargalhadas, as velas pingando no chão.

Estou num anfiteatro com escadarias de pedra, um ringue de luta, no centro. Começo a lutar com um boxeador negro, dentro do ringue. Ao perceber que estou perdendo a luta, digo: “Para, para que estou grávida.” O gigante e eu paramos de lutar. Saio do ringue sob aplausos e sento na escadaria de pedra, nua, com uma barriga enorme.

No ringue, leões devoram o homem e depois escapam, um deles vem na minha direção, subo num grande vaso de plantas, mas o leão me morde e me come, pedaço por pedaço, começando pelos pés. Vejo de fora a cena, como se eu fosse outra pessoa. Eu mesma bato palmas para o leão vencedor, que me comeu toda.

2 jan 73

Visto uma calça branca, mesmo barriguda, uma blusa branca e o avental comprido por cima. Vou com um amigo à lavanderia deixar umas roupas. O homem do balcão me pergunta o que estou calçando. Estou descalça mas digo que estou de tamancos brancos. Ele pede para ver. Mostro os pés, pretos por baixo. Ele diz que não pode aceitar a minha roupa para lavar naquela lavanderia. Fico magoada e choro.

Ao sair, ameaço levar uma tesoura que está no balcão. O homem toma a tesoura e me olha, assustado. Rio dele. Digo que ele é avarento e eu nunca fui. Vou embora, pensando que deveria ter dito ao homem que eu estava descalça porque havia ido comer num restaurante japonês e esquecera os sapatos na porta.

Ando até uma praça, onde encontro o amigo, em seu carro. Ele marcou encontro com outra pessoa, numa praia. Vamos de carro para lá e ficamos esperando, até aparecer, muito longe, a cavalo, a pessoa com quem ele marcou encontro. Montamos cavalos e vamos ao encontro da pessoa. No caminho, passamos pela porta de casas onde pessoas que parecem estátuas de cera nos olham e comentam o que vêem, sussurrando ao ouvido.

Visto um vestido justo, dourado, feito do mesmo material da bolsa de minha mãe, imitação de pele de cobra, lindo, ofuscante. Vou a uma festa.

Na festa, minha sobrinha brinca num balanço de madeira, no meio da sala, com outra criança. Diz que quer dormir e se joga para trás. Dorme com as pernas em cima do balanço. Seu rosto é o de uma criança esquimó.

Eu a levo a uma sala atapetada, com flores em diversos jarros, e a deito no tapete. Penso que ela pode estar sonhando com um campo florido. Ela sorri, mesmo dormindo. Ela estremece, e percebo que está sonhando que eu morri. Penso que ela está morta, e descubro que é assim a morte. Decido não morrer e volto para o salão onde casais dançam. Um homem me chama para dançar, me enlaça a cintura e me leva pelo salão, rodando. De repente estamos sós, e percebo que meu vestido desapareceu. Nua, tento me esconder do homem, com vergonha. Ele diz que não devo ter vergonha do meu corpo. Tira as próprias roupas e dançamos nus.

4 jan 73

Viajo de barco, acompanhada de um grupo de pessoas. Chegamos numa cidade estrangeira, de casas brancas cobertas por cúpulas, pequenas janelas redondas, em torno de um templo. Sinto curiosidade de olhar o templo de perto, entrar nele. Aviso às pessoas no barco, e vou sozinha.

Na porta do templo há duas aberturas pequenas. Atrás de uma delas está uma jovem; na outra há uma criatura de sexo indefinível, nua, velha, muito gorda e rosada, que se levanta para me abrir a porta. Penso que seria inútil perguntar algo a essas pessoas, elas não entenderiam minha língua. Ou entenderiam? Mas, para minha surpresa, elas respondem ao meu pensamento, falando um português com sotaque italiano. Perguntam se quero entrar e conhecer o lugar. Tiram a minha roupa e me vestem com um pano branco, dando-me um pedaço de madeira cilíndrico. Sinto medo e penso que aquilo poderia me servir como arma. Levanto a madeira para o céu. A criatura me pega pelo braço e diz para mim: “*Il orlógio stá in barca, no?*” E olha para meu pulso marcado de branco no lugar da pulseira do relógio.

Assim, adivinho suas intenções e espero o momento de fugir. A criatura abre a porta do templo e vejo, lá dentro, várias pessoas amordaçadas, amarradas pelos pés e pelas mãos, algumas penduradas, outras deitadas, contorcendo-se entre almofadas e chafarizes. Saio correndo pela cidade, nua, até chegar ao barco. Conto aos amigos o que se passou e eles acham que devo voltar porque, afinal, fiquei sem sa-

ber o que é aquele templo e quem são as pessoas presas ali.

Pouco depois, na mesma cidade, com o mesmo grupo de pessoas, entramos num restaurante com vários compartimentos. Neles, comem as pessoas segundo a classe à qual pertencem. Entramos numa espécie de lanchonete ao ar livre e uma amiga anuncia que ali estão sentados, comendo, soldados secretos do exército.

Reconheço um deles. Cubro a minha cabeça com um véu de muçulmana e finjo que estou indo rezar. Assim consigo fugir.

5 jan 73

O neném está deitado, dormindo em cima de uma cama, coberto com um lençol. Vou a uma janela, esperando que cheguem as outras pessoas da casa. Olho para neném, olho para fora. Não sei o que fazer. Nunca troquei antes uma fralda. O neném pode acordar e sentir fome, não sei o que ele precisa comer.

Chega meu marido, vê o neném, pergunta se meus quadris já encostam no peito. Entendo que ele está perguntando se já posso ter relações sexuais. Digo que não. Bato no meu marido, com tapas delicados, ele ri, fica com o pau duro e o encosta em mim. Eu o mando parar com isso. O neném acorda.

As costas do neném estão descobertas. “Está com frio”. Saio correndo e vou cobri-lo. Vejo seus olhos sorridentes, tranquilos. É um menino. É o meu filho. Eu o pego no colo com dificuldade, pois é muito molezinho. Ficamos nos olhando e fazendo caras um para o outro. Ele tem o cabelo castanho. Eu o abraço e dou de mamar. O leite escorre na roupa.

O pai faz massagens no meu peito para ter mais leite. Sai uma pasta azul do seio esquerdo e fico preocupada de não ter mais leite.



6 jan 73

Vou casar e entro na casa das costureiras para provar o vestido de noiva. Uma velha, que parece minha avó, me leva pela mão por corredores cheios de portas entreabertas. Dentro dos quartos, mulheres costuram à mão, ou em máquinas, vestidos de noiva. A velha tem alfinetes na boca e ri para mim. Ela me faz entrar num quarto onde está um vestido num manequim de madeira.

É lindo o vestido, o véu longo, a grinalda de flores, como se fosse feito de tecidos irreais. A velha tira minha roupa e veste em mim o vestido de casamento. Ela me leva a um toucador com três espelhos, igual ao de minha irmã. Eu me olho e me acho bonita vestida de noiva, mas num instante o vestido fica preto, como se tivesse sido queimado, e grito, assustada.

Sei que preciso fazer um teste. Consiste em descer uma escadaria gesticulando, falando e fazendo caretas ao mesmo tempo. Acho que faço mal o teste, mas sou escolhida. Fico feliz. Meu marido me espera do lado de fora e me beija, quando digo que passei no teste. Ele diz que vai me dar um presente. Diz que preciso cuidar de sua filha e sai, para comprar o presente. Mas demora muito, e decido ir embora.

Passeio de bonde com a filha de meu marido, uma criança de sete anos, com cabelos vermelhos. O bonde passa em volta de uma pracinha e a menina salta, com a intenção de tomá-lo novamente, quando parar. Faço sinais para ela, tentando avisar que o bonde só vai parar muito longe. Vem um carro, para atrás da menina, saltam meu marido e a mãe da menina, fazem sinais de luz para que ela os veja. Ela entra numa rua e desaparece. Meu marido fica furioso, dizendo que não cuidei direito da menina. Vamos procurá-la. Chegamos a uma praça de esportes.

Duas mulheres fazem ginástica, vestidas com um maiô de listras por baixo de uma túnica transparente. Eu penso: “Tenho também essa túnica. Então posso fazer a ginástica.”

Meu marido diz que não posso fazer a ginástica, precisamos continuar a procurar a menina.

8 jan 73

É aniversário de minha irmã. Estamos em nossa antiga casa. Minha irmã ganha uma jaqueta cheia de franjas e uma blusa de tecido precioso que alguém experimenta. Olho o armário de minha irmã e reparo que quase só há jaquetas, as mais estranhas.

Minha irmã convidou para a festa nossos amigos mais antigos. Eu os vejo de relance, alguns indo embora, num carro. Entendo, pelo olhar deles, que logo irão voltar.

Deito numa rede em frente a um sofá onde estão sentados meu marido e a sua ex-mulher, ele de paletó, ela de vestido vermelho, boca roxa, sapato vermelho de bico fino e salto muito fino e alto. Há alguns amigos meus, sorridentes, conversando, como se fosse uma alegre festa. Fico observando.

Meu marido diz que vai ficar ali, fazer sexo comigo, depois vai para a cama com outra mas eu digo que não, ele deve fazer sexo só comigo. Dou um impulso na rede e beijo-lhe a boca. No outro lado, beijo a boca da moça com quem ele quer fazer sexo. Acho melhor ficar, enquanto os dois fazem amor, para não ter de sair e me sentir rejeitada. Quando eles terminam, eu saio, muito triste e angustiada.

9 jan 73

Estou em pé, dentro de um túnel, olhando a saída. O mar é visto, em frente. De vez em quando vem uma onda e inunda o túnel. Às vezes parece haver uma cama dentro do túnel.

Tento deitar na cama, mas ela é feita de água e caio no chão, sentindo muita dor. Decido nunca mais me deixar iludir pelas miragens. Mas então surge uma cama de verdade, sei que ela é verdadeira mas não tenho coragem de deitar. Estou me iludindo novamente, dessa vez com a cama de verdade.

10 jan 73

Pessoas desconhecidas me amarram com as mãos para o alto e me deixam ali. Não sei o que vai me acontecer, mas tenho medo de ser estuprada. Flechas zunem no ar e se espetam no meu corpo. Aparece um homem com uma tesoura na mão. Ele corta a minha roupa. Fico nua, assustada, grito. Ele tira as flechas e me estupra.

No final, manda que eu peça desculpas, pois a culpa foi minha. Peço desculpas, ele beija os meus pés e vai embora.

13 jan 73

Toda a minha família se encontra numa cidade do interior, fazendo um trabalho. Estou muito séria, vestida com uma roupa branca. Vejo um riacho e, atrás, a cidade, de poucas casas brancas em torno de uma pequena igreja, alguns coqueiros. Atravesso o rio e entro numa casa onde está a minha irmã, também com uma roupa branca, fechada. Falamos sobre a reação das pessoas diante de nossa maneira de vestir. Mexemos num armário de roupas. Visto uma saia transparente, por cima uma túnica também transparente, rio de mim mesma tentando ser discreta. Visto por cima uma blusa preta, e por cima desta uma outra, lilás. Sinto calor.

Saio para ir fazer fotografias, com uma mulher negra. O fotógrafo fica louco por ela, abraça-a, agarra seus seios enormes e os chupa. Sinto um intenso prazer sexual.

14 jan 73

O neném nasce e é colocado num aquário. Peço para ir vê-lo, mas me dizem, “Não vá, não, ele é muito pequeno.” Digo, “Não tem importância”, e vou ver.

Há uma toalha branca sobre uma mesa, e em cima o aquário de vidro, redondo. A água parece um espaço sideral infinito, negro, repleto de estrelas e nebulosas coloridas. Um feto flutua nesse espaço líquido, iluminado, as pernas e os braços encolhidos. Pego no bracinho dele e acho mole. Penso: “Parece um ratinho nadando.”

Ele responde alguma coisa, mas não entendo suas palavras. Chego mais perto o ouvido, ele sussurra, mas continuo não entendendo. Quando me afasto do aquário, vejo que o neném desapareceu.

21 jan 73

Estou na cama da maternidade. Meu marido está deitado a meus pés. Da saleta ao lado aparece uma moça selvagem, alta, enrolada numa toalha. Solta a toalha, fica nua, deita em cima de meu marido e o beija na boca.

Fico enciumada e quero gritar para que eles não façam isso, acabei de ter um filho. Mas ele faz sinal, dizendo que não pode evitar. Eles fazem sexo na minha frente, na mesma cama onde estou deitada. Tento afastá-los um do outro com os meus pés, mas não os alcanço. Quando terminam, vejo que a moça era eu mesma.

31 jan 73

Estou em pé no fundo de uma sala, onde projetam um filme. Ao meu lado fica a porta de um quarto cheio de gente, em muita agitação. Vem um garoto empurrando um carrinho de bebê. Olho e vejo dentro do carrinho o meu filho. Pego-o no colo e entro no quarto, gritando pelo meu marido. Vejo um objeto sobre a cama e falo com ele, como se fosse meu marido. “Olha, eu vou embora”, digo. “Não posso deixar nosso filho sozinho.” Percebo que o objeto não é o meu marido. Saio a procurá-lo. Olho pela janela. As pessoas me olham muito sérias, como se algo tivesse acontecido. Pergunto por meu marido, mas ninguém responde, viram de costas para mim, com hostilidade. Percebo que fiz algo de errado, mas não sei o que foi. Choro, mas ninguém se vira para mim, ninguém me consola.

Meu marido, nosso filho e eu vamos para o apartamento de um amigo que foi viajar. É pintado de rosa e creme, o chão roxo, quase preto. Na sala fica um tablado de madeira que serve de sofá. Uma chapa de vidro pregada na parede sustenta uma televisão. Outra TV fica no chão. Não há, em todo o apartamento, nenhuma janela aberta, todas foram tapadas com tábuas. Digo para meu marido: “É bom não ter paisagem para me distrair. Assim posso desenhar e escrever.”

Meu filho fica com fome e vou para a cozinha. No corredor há uma mesinha com telefone. Quero fazer um mingau, jogo leite na panela e percebo que não tem maizena. Vem uma mulher e joga o leite, a mamadeira, a panela, tudo no chão. Fico zangada. Meu marido a apresenta, diz que é namorada do dono da casa. Pergunto que direito ela tem de quebrar as coisas alheias. Ela ri, diz que é a dona da casa. Digo ao meu marido que quero voltar para a nossa casa, onde posso fazer tudo o que desejar. Ele diz que agora vamos morar ali. Tento telefonar para pedir ao papai que venha me buscar, mas o telefone está mudo. Escrevo uma carta cifrada ao papai, feita com pequenos desenhos, como hieróglifos, e a jogo pela fresta de uma janela, esperando que ele a encontre. Fico olhando pela fresta, mas vejo apenas uma floresta, cheia de bichos selvagens e carros.

Caminho por uma floresta, à noite. Sinto um medo terrível, que me faz tremer. Não sei exatamente o que me causa tanto medo, mas é alguma coisa que vou encontrar. Prossigo com dificuldade, olhando para os lados, para trás, a qualquer ruído. Há um silêncio profundo, e qualquer movimento de folha, ou pio de ave noturna, ou meus próprios passos, me assustam. De repente encontro uma casa abandonada, sem as madeiras, o teto quase desabando. Entro na casa, mesmo não querendo entrar, passo pelas teias de aranha, chego num quarto onde está uma cama de dossel, preparada para mim. Sei que não devo me deitar na cama, é uma armadilha, mas estou tão cansada que deito. Em vez de adormecer, sinto o meu coração parar e meu corpo morrer. Sei que morri, mas minha mente ainda está viva. Posso ver o que acontece em torno: aranhas tecendo as teias silenciosamente, gazelas que vêm me olhar, gatos que deitam aos meus pés. Não sinto nada. Apenas vejo e ouço.

Estou na praia, com meu filho e sua babá. Entardece, a luz é linda. Digo à babá para irmos mais longe do mar, a maré está subindo. Ela responde que não é preciso.

De repente vem uma espuma branquíssima, pego meu filho e corro, mas o mar carrega a nossa toalha e as bolsas. Sentamos mais perto da calçada. Encontro na areia uns brinquedos e os pego, para meu filho. Minha irmã chega, com um cachorro. Ela deita na calçada e diz que seu marido está vindo. Ele chega, muito nervoso, briga com minha irmã e saio andando, com meu filho. Vejo que os lábios dele estão ressecados, peço à babá a sacola do neném, ela finge não ouvir, grito que quero a mamadeira, ela não responde. Vou perto dela e a empurro, ela cai no chão. Pego a mamadeira.

29 mar 73

Eu e outra pessoa corremos, nus, numa floresta queimada, os troncos pretos, tudo foi transformado em carvão e cinzas. Estamos à procura de alguém. Sigo até avistar um paredão repleto de canos por onde escorrem fios d'água. Penso que aquilo é um dique, e posso abri-lo para tudo nascer novamente, mas seria perigoso.

Continuo correndo, chego a uma casa abandonada, quase em ruínas. Sei que posso encontrar a pessoa lá. Entro, subo as escadas até o sótão. Não encontro a pessoa e fico muito triste.

Vou à janela. Fico emaranhada em teias de aranha. Limpo o vidro para ver lá fora. A pessoa que procuro se transformou num passarinho e saltita no jardim seco, com outros passarinhos. Sei que a perdi para sempre. E choro.

Meu marido, eu e uma criança estamos numa praia deserta. Eu me sinto triste. Saio caminhando pela areia, de cabeça baixa. Meu marido prepara um piquenique, tirando as coisas de uma cesta. Sanduíches, frutas, verduras, vinho. Comemos, e depois vamos passear. Chegamos a um precipício e decidimos descer. Lá embaixo fica o Inferno, diz meu marido.

Descemos pela pedra íngreme, molhada. Sinto um grande prazer sexual, com a impressão de estar escorregando, como se fosse uma lembrança infantil me assaltando. No meio do caminho olho para o céu e vejo um arco-Íris horizontal; fico maravilhada com sua beleza. Mostro-o ao meu marido. Mas logo vem uma nuvem escura e o cobre, meu marido não consegue vê-lo.

Continuamos descendo, até chegar ao vale. Há umas crianças com peneiras na mão, levando sementes. O céu não é azul, mas feito de luz, como se fosse um enorme sol. Uma das crianças grita para o alto: “Graças, Senhor, pelas sementes. Graças pela planta que nasce.”

Digo ao meu marido: “Ela pensa que está vendo Deus.”

Pegamos também uma peneira e vamos semear um campo.

16 ago 73

Estou viajando de moto com meu marido e meu filho. Na volta, venho só com meu filho. Mas sinto medo da moto e consigo um barco para nos levar.

Compro comida para levar na viagem. Quando entro no barco, fico preocupada que as provisões não sejam suficientes. Enquanto penso assim, misteriosamente alguém põe em minhas mãos uns coquinhos, que guardo, escondidos. Sei que dentro dos coquinhos está alguma coisa muito preciosa, nutritiva. A viagem é longa, e acabamos por comer os coquinhos. Chego em casa cansada. Vou dormir. De manhã cedo desço para fazer mamadeira e encontro coquinhos exatamente iguais aos da viagem.

18 ago 73

Estou sentada na areia de uma praia deserta. Assisto a um pôr do sol com dois sóis. Fico pensando que ninguém iria acreditar em mim. Resolvo não contar sobre o pôr do sol.

20 ago 73

Entro numa loja, com outra pessoa. Vejo numa vitrine um sapato preto envernizado, finíssimo. Tento comprar o sapato mas o dono da loja não deixa. Discuto com ele, o homem manda um empregado me revistar. Vejo umas camisas de criança e as roubo, metendo dentro da bolsa. Roubo mais algumas coisas e vou saindo, sem dar atenção ao empregado que quer me revistar. Mas ele me faz parar, abre a minha bolsa, encontra uma ficha de arquivo, lê o que está escrito e a devolve para mim. Deixa que eu saia.

Quando passo na frente da vitrine, vejo que o preço do sapato de verniz abaixou. Entro num carro e fico esperando a outra pessoa, que ainda está no interior da loja, discutindo com o dono. Olho o sapato na vitrine, apaixonada, sem poder comprá-lo.

Vejo na rua um homem muito bonito e o convido para ir para a cama comigo. Ele marca encontro em um lugar.

Vou ao encontro marcado. Subo uma escada, embaraçada, tímida, vendo mulheres e percebo que se trata de um bordel. No andar de cima fica um escritório onde, atrás de uma escrivaninha, uma prostituta loura escreve à máquina. Decido ir embora.

Embaixo, um menino vem falar comigo. Digo que estou procurando um homem, e o descrevo. O menino aponta um lugar e o homem aparece. Conversamos, e eu marco encontro com ele na minha casa. De repente olho bem para ele e vejo que é muito feio. Assustada corro, fugindo dele.

Chego num jardim, há uma piscina onde meu filho e uma amiga, além de outras pessoas, se divertem na água. Conto o episódio do homem bonito que era feio e todos riem de mim. Fico com a imagem dele, ora feio, ora bonito, na cabeça, e não sei mais qual é a verdadeira. Nado para um lado e para outro, ensino meu filho a nadar. Ele dá mergulhos, sai sorrindo da água, como se fosse seu ambiente natural.

23 ago 73

Entro na casa de minha mãe. Ela está sentada numa cadeira de balanço, dormindo. Mas sei que está fingindo que dorme, pois a cadeira ainda balança. As paredes da casa são cobertas de caixas empilhadas. Retiro as caixas e fico longas horas olhando seus conteúdos: fotos antigas numa, botões de vidro ou madrepérola em outra, rendas francesas ou cearenses numa outra, chaves velhas enferrujadas, bonecas de pano, relógios parados, jóias quebradas, maços de cartas, páginas arrancadas de livros. São coleções que ela faz, de coisas que pertenceram a nossos antepassados. Numa das caixas encontro olhos, um nariz, uma boca, dedos, peitos, pés. São pedaços de meu corpo, que eu havia perdido. Fico zangada, pois minha mãe encontrou meus pedaços e não os costurou para mim. Pego uma agulha e linha. Costuro os pedaços, mas quando termino o trabalho percebo que costurei errado, o olho ficou no pé, o nariz no ombro, as mãos presas uma na outra. Desesperada, tento acordar mamãe, mas ela continua dormindo.

24 ago 73

Estou com mamãe no meu quarto, ela ensaia com um cetim azul claro um modelo que quer costurar para mim. Faz pregas, drapeados, rodeia minha cintura, alfineta, alinhava. Eu lhe peço para fazer uma camisola longa, uma coisa simples, lisa, nada tão rebuscado como ela planeja.

Chegamos à janela, conversando. Em cima de um fio telegráfico, que passa logo abaixo da janela, encontro uma carta para mim. Abro-a e leio. A carta diz que devo ir para a Itália com meu filho. Uma carta longa e não assinada. Fico pensando: De quem seria aquela letra?

Sei que é de um homem negro.

Entra um homem recurvado, com as mãos na barriga. Pergunto o que aconteceu. Ele mostra um buraco ensanguentado e diz, “Finalmente a minha barriga estourou.”

Pergunto à ele: “Você é negro?”

Ele não responde, fica me olhando.

Subo uma ladeira muito íngreme, com meu filho no colo, sei que alguns homens maus me perseguem. Entro numa rua lateral, numa casa e me escondo no quintal. Os homens me vêem. Corro, pulo um muro, eles vêm atrás. Conseguem me alcançar e me prendem. Tomam de mim o meu filho e o dão para alguém.

Metem-me prisioneira numa cela, com entulho e plantas. Grito, “Quero meu filho”. Arranco as plantas e me arranho com espinhos. Arranco as pernas de uma boneca que encontro no entulho.

Tento fugir pela janela, mas são dez andares de altura. Vejo um jardim lindo lá embaixo, e uma casa rica. No jardim alguém caminha, e instala um cavalete de pintura. De trás do cavalete sai um homem que vem escalando as paredes, até a janela de minha cela, um homem de cabelos grisalhos e ar bondoso. Mas quando ele se aproxima, os carcereiros entram e ele vai embora.

Os carcereiros me mostram dois papéis, dizem que devo assinar e confessar meu débito, eu só sairei dali se pagar. Jogam o papel no chão e saem.

O homem grisalho retorna e me ajuda a descer pela janela. Descemos no jardim e ali muitos amigos meus me esperam. O homem diz que irá pagar minha fiança depois. Digo que o amo mesmo não sabendo quem ele é.

Em seguida, minha irmã e eu chegamos numa praia, a areia comida pelas ondas forma um paredão inclinado. Minha irmã se deita, e a areia se transforma em sua cama.

Mamãe chega e se veste de areia, a areia se transforma em lindos vestidos que ela vai pondo numa cama de areia. Ela tira minha roupa e fico com vergonha de estar nua na praia. Ela diz, “Mas você não está vendo que está vestida?” Mamãe e minha irmã dançam contra o sol, vejo seus vultos, e seus braços se transformam em cobras venenosas. Os meus também.

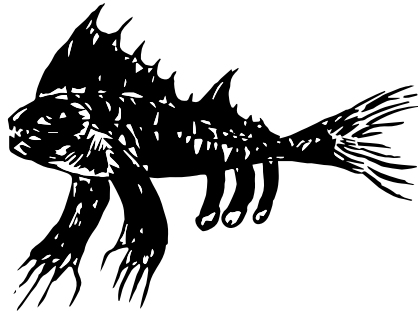
26 ago 73

Meu professor passa mel em meu corpo nu. Ele também está nu. Ele me lambe e diz que é o método de desenho das flores. Ele me pega pela mão e me leva a voar, pelo céu, de noite. Voamos por cima dos telhados das casas, por cima de uma igreja, de uma câmara de vereadores, por cima de montanhas e rios. Pousamos na cratera de um vulcão. Digo que tenho medo, o vulcão vai explodir. Ele diz que não é preciso ter medo, a larva daquele vulcão não queima. E me leva pelo interior do vulcão. Sinto um calor muito forte, mergulhamos na larva, tudo fica vermelho, não vejo mais nada, e saímos do outro lado do mundo. Ele diz que é o método de desenho do fogo.

Estou num bordel. Uso um vestido branco e batom vermelho berrante. Os homens pensam que trabalho ali. “Eu não trabalho aqui”, digo. “Estou de passagem. Estou só fingindo.”

Vejo amigos meus e digo para um deles, “Morro de tédio em voce”. Ele diz, “Vamos para a cama.” Entramos num carro e enveredamos por uma floresta negra, perfumada, numa estrada de folhas secas, mas nos perdemos e não chegamos a lugar nenhum. Passamos por ruínas de casas, clareiras, bosques de plantas carnívoras que tentam nos devorar, as mesmas plantas que eu desenhava quando era criança.

Afinal chegamos a uma casa abandonada, mas há um quarto com uma cama e um chuveiro derramando uma água farta e gelada. Tomo banho de chuveiro e sento, molhada, na cama. O amigo me abraça, beija, tira a roupa e fica em cima de mim, mas então se transforma num tigre. Fujo, com medo, atravesso a floresta, entre animais selvagens que correm, também fugindo de alguma coisa.



29 set 73

Num barco, um homem aparece. É muitíssimo bonito, tem asas pequenas na parte de trás dos braços. Ele me beija na boca e encosta o meu pé na perna dele, isso quer dizer que ele me deseja amar sexualmente. Pergunto-lhe, “Onde você mora?”, ele aponta a água do mar. Fico com medo dele, me joga no mar e nado um longo tempo, até quase adormecer de cansaço.

Alguém marca a porta de minha casa com uma cruz. Pergunto-lhe: “Por quê? Por quê?” O homem diz que não teve má intenção, que não quer me fazer mal nenhum. É apenas uma ordem. “Mas quem deu a ordem?” pergunto. Ele diz que não sabe.

Atravesso um lago, a nado, com muito esforço. Quando chego à outra margem me espera uma mulher madura, de olhos sofridos, exatamente igual a mim, porém mais velha. Sei que ela sou eu, que eu serei ela algum dia. Ela entra no lago e diz, “Vou mergulhar, me afogar, minha alma vai ser tua”. E mergulha, desaparecendo.

Ando no meio de uma cidade escura. Quero mudar a minha maneira de ser, vem uma ânsia fortíssima de me modificar. Tenho os passos hesitantes, sinto medo, como se intuísse que alguma coisa vai acontecer. Olho para trás, a fim de ver se alguém me segue. Numa praça, encontro uma casa iluminada. Bato à porta. Uma velha abre a porta para mim. Pergunto se há algum quarto vago. Ela diz que vai olhar e eu aproveito para fugir. Caminho bastante por becos e ruas sinuosas, até chegar a uma vila cercada de jardins onde estão paradas carruagens. Apenas uma das casas tem as janelas iluminadas. Bato à porta. Uma mulher lou-ra vem abrir e digo que estou procurando um lugar para mim, sinto-me desamparada naquela cidade úmida, fria. Ela diz que não há lugar para mim, eu terei de construir a minha própria casa.

Estou convertida à religião católica e entro na igreja, vestida de preto, com um véu preto que cobre o meu rosto. Quando chego na frente do altar, vejo que a santa está nua, ferida, e pinga sangue de seus seios. Assustada, fujo por uma porta, mas vou dar dentro de outra igreja, que dá em outra igreja, e assim por diante. Em todas as igrejas encontro santos despidos e feridos, sofrendo.

Num navio pirata estou amarrada ao mastro quando cai uma tempestade. Todos morrem no navio, só eu escapo, porque estava amarrada e a força das ondas não me arrastou. Mas não consigo me soltar e choro, grito, quem irá me dar comida e água, se todos morreram? Nem mesmo meus inimigos estão vivos.

Grito o mais alto que posso, para que outro navio venha me salvar. Vejo as sereias de longe, esperando para me comer.

Digo para um homem que vou fazer sexo com ele. Ele diz que tem uma namorada. Mostra a namorada, ela está nua numa sala, ouvindo música. Eu a cubro com um cobertor. O homem senta-se ao meu lado e diz que mudou de idéia, quer ir para a cama comigo e não com a namorada dele. Digo que eu também mudei de idéia, que o tempo serve para isso. Mas ele me agarra com força, tenta me obrigar. A namorada dela sai de baixo da coberta e bate nele. Consigo fugir pela janela e estou numa praia.

As ondas são enormes, ameaçadoras. Crianças brincam com o meu filho. Digo: “Querido, cuidado, saia daí, estas ondas são muito fortes, venha com mamãe”.

Levo-o para um hotel à beira da água. As ondas começam a invadir o hotel e todos fogem, corro, mas lembro de meu filho, grito: “Meu filho, meu filho”, um homem me segura e não me deixa retornar ao hotel para pegar meu filho, o homem diz: “Deixa que eu vou”, ele entra no hotel, as ondas o trazem, mas algum tempo depois ele reaparece, com meu filho no colo. Ele diz:

*“Me habían llegado una squerza de malícia
con la quale singrava el mundo
e de ella me apropiaba,
para andar con vido vagabondo
e las nothes terrenas deste canto
me encantaban con delicias muy profundo
me habían una malícia esquerzado
per sentire as delícias deste mondo.”*

11 nov 73

Estou deitada na cama e debaixo do meu travesseiro há um vidro com uma serpente venenosa. Sinto muito medo. Não sei se está morta ou viva, mas vejo gente viva ali por perto e me acalmo. Os meus dentes caem no travesseiro, choro, abro a boca, desesperada, fico branca, pálida, os dedos roxos, sei que estou morrendo e aterrorizada me vejo dentro do vidro, com um líquido e a serpente. O meu sangue faz o líquido ficar vermelho e a serpente me rodeia, aperta meu corpo, fico sufocada. Não consigo gritar.

16 nov 73

Um homem me manda um papel onde está escrito, “Eu te amo”. Mando outro papel para ele, sem nada escrito.

Vestida de noiva, caminho por um pátio deserto, acompanhada de um desconhecido. Penso, “Será o meu noivo?” O pátio é cercado de colunas, sei que estou numa outra época, muito antiga, sou uma vestal. Chegamos a uma imensa escadaria, há um anfiteatro, um homem me manda subir num pedestal e fingir que estou copulando, movendo os quadris. Tiro o vestido de noiva e digo que não farei nada disso, ele me aponta um arco com uma flecha, eu não aceito a ordem do homem. Ele atira a flecha, acerta meu coração, mas eu não morro e a multidão fica rindo dele.

Há uma festa numa praça coberta de vidro, linda, Praça de Cristal. Chego dançando, feliz. Vem a dona da praça e me proíbe de dançar. Saio com um homem e vamos fazer sexo na capota de um automóvel.

Terminamos de fazer sexo, e procuro meus sapatos. Não os encontro. Fico desesperada, alguém roubou os meus sapatos, e pela janela do carro vejo que o chão é feito de uma relva metálica, cortante. Tomo coragem e saio, descalça. Os meus pés sangram. Atravesso o pátio e entro num palácio de cristal, de diversas cores refrangindo, uma cena tão linda que esqueço a dor. Um homem vê que estou com os pés sangrando e me pergunta se quer que ele limpe os meus pés. Digo que sim. Ele se deita e lambe os meus pés. Eu penso: Fetichista. Suas mãos sobem pelas minhas coxas, e quando ele tira as mãos, estão sujas de sangue, mas é um sangue de luzes coloridas.

23 nov 73

Uma mulher veste a minha camisola branca e eu a mando tirar, não quero que a camisola fique com o cheiro de outra pessoa, ela não tira a camisola, e eu joga água nela, ela então tira, mas joga a camisola pela janela, e não posso sair para buscá-la, porque está chovendo muito.

Encontro uma pilha de embrulhos de presente, sei que ali há coisas boas das quais eu gostaria muito, mas sei que não são minhas. Vem uma pessoa e diz que posso levar os presentes, porque a dona dos presentes não virá. Quando vou pegar os embrulhos, percebo que são muito pesados. Consigo pegar só um.

Um rapaz me vê pegar o presente e corre para mim, diz que aquilo não é meu, se fosse meu não seria tão pesado para mim. Digo que a moça me deu, e que então é meu. Ele corre atrás de mim, largou o presente porque sei que o homem quer me matar. Entro por um jardim de plantas altas e chego a uma porta. Bato e a porta se abre.

Num jardim há uma mesa posta com um banquete. Minhas colegas adolescentes de escola, mas que agora são adultas, comem à mesa, rindo e cantando, bebendo vinho. Uma delas vem me receber. Ela diz que todas pensavam que eu não viria à festa. Quando me vêem, as colegas da escola me abraçam, beijam. Elas me levam por uma escadaria e alguns corredores, que vão dar no centro da casa, onde a família de uma delas está me esperando. Levam-me ao subterrâneo da casa, onde há uma cozinha, depois vários quartos. Elas me fazem entrar em um dos quartos e me mandam me vestir. Espalhados pelo quarto há belíssimos vestidos, dourados, nacarados, cobertos de canutilhos ou pérolas, jóias de diamantes, sedas adamascadas, brocados, braceletes, anéis. Visto uma daquelas roupas, me olho num espelho e me acho linda, mas quando tento sair, a porta está trancada. Eu bato, bato, mas ninguém vem abrir.



1 dez 73

Uma mulher se deita sobre mim. Estamos nuas. Ela faz gestos estranhos. Mas sei que aquilo quer dizer que estamos fazendo sexo. O namorado dela está encostado a uma parede, rindo de nós. Ele diz, “Coisas de mulheres. Pensam que estão trepando, mas nem sabem o que é isso.” Ele mostra o pênis e faz sinal, perguntando se queremos. Fazemos sinal que sim. Ele vem para a cama, mas a mulher pega uma faca e corta o pênis dele. Ele corre, gritando. Digo a ela que foi muito feio o que fez. Ela responde que foi o padre da escola quem mandou-a fazer aquilo.

Entro com um velho numa sala escura. Há uma porta no fundo. Ele aponta a porta. Ele abre a porta. Há uma sala iluminada de forma tênue. Uma mulher está deitada sobre uma cama, vestida com uma camisola e segurando um ramo de flores sobre o ventre. “Ela está morta”, diz o velho. “É sua filha?”, pergunto.

Ao som da palavra filha a moça se levanta da cama e corre para mim, bate em mim. Digo ao velho que sua filha está viva, ele insiste que ela está morta. Choro, muito angustiada, porque ele não acredita que a filha está viva. Ele diz que aquilo foi um simples reflexo. Ele a leva de volta para a cama e a filha não se mexe mais.

Quando ele vai embora, a filha se levanta e fala comigo, rindo, que precisa enganar o pai, que eu sou uma tola. Entra um padre, vestido com uma batina preta, um ostensório na mão, espalhando fumaça e cantando salmos. A filha morre de verdade. O padre olha para mim, como se dissesse: “Eu bem avisei.”

Numa loja de peles de animais, escolho um casaco de veludo com uma raposa ártica na gola, todo branco como neve. Tenho pouco dinheiro, abro o moedeiro e conto as moedas. O velho dono da loja percebe que eu não poderei comprar o casaco e diz que se eu dançar com ele poderá me dar o casaco. Então dançamos. Ele gira tanto que eu me sinto tonta. Ele me dá o casaco.

Em casa, conto à minha família que dancei com o velho para ganhar o casaco. Dizem que foi inútil, riem de mim, o casaco vai derreter, é mesmo de gelo. Fico triste, sinto o casaco derretendo, a minha roupa se molhando, mas quando entro no quarto encontro casacos de peles verdadeiras, brancos, lindos. Visto um deles e saio pela rua.

Entro num ônibus e viajo muito tempo, sentindo frio. Desço finalmente do ônibus e me vejo num beco miserável. Uma mendiga brinca com crianças. Ao me ver, todos ficam imóveis. Sinto que estou em perigo e fujo. Eles querem roubar o meu casaco de pele.



4 dez 73

Um homem senta ao meu lado, na cama. Ele me dá uma faca e sei o que preciso fazer. Ele tira o pênis e me faz sinal. Seguro o seu pênis, e com a faca corto-o na raiz, perto do púbis, sinto as veias se rompendo, os músculos, os ligamentos, escorre dele uma matéria esponjosa e esperma.

Vejo um homem horrível, uma medusa, os cabelos de cobras vivas e olhos vazios, os dentes escorrendo pelos lábios. Ele diz que está apaixonado por mim, me amarra e me leva num cavalo voador até um templo. Ele me põe deitada numa cama de pedra e me oferece aos seus deuses, que são monstros como ele. Ele diz, então, que é o meu pai. “Mentira! Mentira! Mentira”, eu grito. Ele diz que eu não sou mais virgem, e que vai me comer.

Sei que estou sonhando. No sonho há portas por todo lado. Um homem grita, do lado de fora. Está com ciúmes de mim, diz que sabe que estou fazendo alguma coisa escondida, quer descobrir o meu segredo e vai entrar no sonho. Verifico as portas, estão todas trancadas. Grito para ele que não tenho segredo nenhum, e que ele não vai conseguir entrar. No meio do sonho há um lago de águas negras. No lago está um cisne branco, nadando. Penso que isso pode ser o meu segredo. Fico pálida, estremeço. Eu não sabia que tinha um segredo. O homem força as portas. De repente consegue entrar, como se passando através da porta. O cisne começa a morrer. Eu choro.

Em meio a uma névoa vejo estátuas de homens musculosos nus, mulheres de asas, sem cabeça, vênus, deusas, tudo de mármore. Ao longe avisto um palácio e me dirijo para lá. Mas quanto mais ando, mais o palácio fica longe. As estátuas me seguem, caminhando atrás de mim, ou voando sobre a minha cabeça. Vejo suas sombras, mas quando olho para trás, ou para o alto, elas desaparecem.

Um amigo e eu estamos numa casa imensa, da qual arrancaram o telhado. O quarto onde estamos é completamente vazio, há apenas um músico sentado no chão, tocando uma espécie de alaúde, com um arco. Uma música muito triste.

Vamos por uma porta até o outro aposento, uma sala dividida em pequenos compartimentos, entulhada de roupas coloridas, máscaras, luvas, chapéus, boás de plumas, sei que são adereços de teatro. No último dos compartimentos há uma pessoa velha sentada a uma escrivaninha. Parece feita de cera, mascarada e pintada, mas se move, escrevendo num papel amarelado. Ela diz, “Podem escolher suas fantasias, vou anotar aqui a verdade”. Enquanto o meu amigo escolhe sua fantasia, procuro uma escada para subir. Encontro a escada, e subo acima dos compartimentos. Vejo de cima todos os labirintos, onde antes eu estava dentro, vejo cada compartimento onde acontecem cenas, pessoas vivendo, dançando, voando. Um dos compartimentos não tem fundo, dá para um infinito de estrelas e nebulosas, cometas, eu digo, “Aqui é o universo”. Em outro compartimento há uma festa, pessoas vestidas de roupas antigas dançam. Em outro compartimento há animais como se fosse uma jaula.

Preciso entrar num lugar, e digo ao guardador da porta que meu nome está numa lista de convidados. Ele consulta a lista e diz que meu nome não está ali. Digo que ele precisa se lembrar de mim, esqueceram de incluir meu nome, mas sou convidada, preciso entrar. Ele não deixa, mas eu o empurro e entro. Chego a um lugar muito amplo repleto de pessoas sentadas no chão. Passo com dificuldade por entre elas, sei que preciso encontrar o harém das mil e uma noites. Um homem me convida para fazer sexo com ele, digo que não posso, estou indo para algum lugar e tenho pressa. Outras pessoas me propõem prazeres diversos, como um banquete, uma dança, mas recuso sempre, determinada a prosseguir.

Encontro um balanço e me sento, dou impulso, o balanço vai cada vez mais alto, até que não vejo mais as pessoas abaixo de mim, os meus cabelos voam, sinto medo, alguém aparece e me faz sinais, avisando que estou em perigo, ali é muito alto, digo que não dá mais para sair. Mas a pessoa me estende uma escada e desço.

Numa praia, com meu filho, vejo um salva-vidas sentado na areia. Faço sinal e ele se aproxima. Conversamos e no final digo-lhe que gostaria de ir a sua casa. Ele concorda e me dá uma chave. Andamos em direção a sua casa, encontramos pessoas no caminho, que falam com ele, ele me apresenta às pessoas, mas eu digo: “Você nem sabe o meu nome”. Afinal chegamos a uma casa colonial, quase em ruínas, escura. Abro a porta com a chave. Duas mulheres estão sentadas no sofá da sala. São inglesas e dizem para mim, em inglês, que eu entre mais. Vou por um corredor e chego ao quarto do salva-vidas. Abro uma janela e o telefone toca. Uma voz diz, “O que você está fazendo aí? Ele não é salva-vidas. Ele é inimigo”. Eu sudo e fico pálida.

O salva-vidas entra, com as duas inglesas. Pergunta meu nome, mas dou um nome falso, Virgínia. As mulheres ficam tomando conta de mim, me oferecem chá com biscoitos. Faço-lhes confissões sobre minha vida, sabendo que estou entregando-me a inimigos. Elas dizem, “*These confessions burn*”. O salva-vidas bate em mim. Diz que é meu inimigo e sou sua refém. Digo que tenho a chave, ele cometeu um erro. Ele diz que aquela chave é falsa. Quando ele sai, abro a janela com a chave, pulo para a rua, e fico rindo dele.

Vai haver uma guerra mundial. Nosso exército se forma, soldados de uniformes vermelhos, muitos deles são índios com penas na cabeça, ou águias de metal na cabeça, pedras preciosas nos ombros dos soldados, canhões, cavalaria com cavalos imensos, fortes, arcos e flechas dourados, as armas vão sendo distribuídas entre os soldados, há um forte tilintar de metais e resfolegar de cavalos, cornetas, vozes dando comandos. Diante do mar vemos os navios dos inimigos no horizonte. Mas a guerra não começa nunca. Ela é apenas um ritual de preparativos.

Por uma janela vejo cabeças cortadas, um mar de cabeças. Reconheço aos poucos as pessoas, velhos amigos, parentes, conhecidos, artistas famosos. Subitamente as cabeças falam umas com as outras. Começam a me fazer perguntas que não sei responder. Penso, “Meu Deus, fiquei muda”, mas eu já era muda antes. Como poderia falar com cabeças?

Encontro o cantor, sou apaixonada por ele, ele está inteiro, não é só cabeça, e eu me ajoelho, abraço suas pernas, ele acaricia meus cabelos. Digo-lhe que quase todas as mulheres são apaixonadas por ele. Ele me convida para jantar.

Sentamos a uma longa mesa, repleta de pessoas, velas acesas, e sei que estou com ele como se estivéssemos só nós dois, mas ele fica numa cabeceira e eu na outra, tão distantes que não posso ouvir o que ele me fala. Vejo seus lábios se movendo. Não ouço o que as pessoas falam, elas gesticulam e olham para mim. Penso que preciso me resignar a apenas olhar seu rosto, que é muito belo.

Subo na mesa e engatinho até o meio, onde me deito. O cantor vem deitar sobre mim, me beija na boca, beija os meus seios e fazemos sexo. As pessoas continuam conversando, como se não nos vissem.

6 jan 74

Um jogador de futebol me diz para ir a sua casa, buscar um brinquedo que ele quer dar de presente ao meu filho. O jogador é atraente, forte, está sem camisa e sinto desejo sexual ao ver seu peito. Ele não diz onde fica sua casa.

Caminho por uma rua escura, vejo uma janela iluminada com velas e uma porta entreaberta. Entro. Uma velha está sentada a uma mesa onde foi posto um jantar para três pessoas. A velha diz que estava me esperando. Pergunto se é a casa do jogador de futebol. Ela diz que é a mãe dele, e acredito, pois tem os mesmos olhos verdes. Ela estava me esperando para o jantar. Pergunto quem é a terceira pessoa que vem jantar. Ela diz que é o filho dela. Mas ele está viajando. Pergunto pelo brinquedo. Ela aponta um quarto. Entro no quarto, e vejo um trem de ferro muito bonito, correndo por trilhos. Desmonto o brinquedo, ponho as peças num saco e vou sair. A mulher diz que não posso levar o brinquedo. Explico que o jogador de futebol deu o brinquedo para meu filho. Ela diz que eu não posso sair sem jantar, mas o jantar só vai ser servido quando o filho voltar da viagem. Percebo que aquilo pode ser uma armadilha, e fujo, correndo, pela rua escura.

9 jan 74

O jogador de futebol faz sexo comigo, num pier.

O mar, abaixo, está agitado, a espuma das ondas molha nossos corpos. Cai uma tempestade. Mas nunca paramos de fazer sexo. O jogador pede que eu o deixe me lambe entre as pernas. Digo que ele não pode fazer isso, pois vai cair dentro de mim e nunca mais vai sair. Ele diz que não tem medo. Abro as pernas, ele me lambe, sua cabeça entra na minha vagina, seus braços, seu tórax, as pernas, os pés, e ele desaparece dentro de mim. Fico sozinha no pier, o mar está cada vez mais furioso, a tempestade mais forte, raios caem perto de mim. Grito, de medo, chamo pelo jogador, mas estou sozinha.

Moro em Londres, numa casa de tijolinhos. Um homem jovem mora comigo, mas parece ser eu mesma. Pela janela vejo no jardim da casa vizinha um ganso, com uma jóia pendurada no pescoço. Numa sebe do jardim há outras jóias, entre elas meu anel de safira. Olho minha mão e assustada vejo que o meu anel realmente desapareceu. Digo ao homem que preciso sair para buscar o meu anel. Ele se transforma numa mulher que sou eu mesma, mas que tem um corpo diferente do meu. Usa um sutiã prateado. A mulher se veste em frente a uma penteadeira. Acho-a muito bonita e lhe digo isso. Ela sorri, mas seus dentes são feios, selvagens, como os dentes de uma raposa, pontudos. Ela penteia os cabelos e se enfeita com brincos enormes, um diadema na cabeça, um cinto brilhante nos quadris. Digo-lhe que parece uma princesa oriental. Ela abre as minhas pernas e me lambe, fazendo-me sentir muito prazer. Dou adeus e saio.

No jardim da casa vizinha procuro as jóias, mas o ganso já as enterrou, perdi meu tempo me olhando no corpo de outra mulher. Aparecem duas moças negras com potes de barro na cabeça. Pego um galho de árvore e bato nos potes de barro, que se quebram, estão cheios de abelhas, não são potes, mas colméias. As moças recolhem o mel que se esparrama pelo chão, sentam-se e comem o mel, rindo. Corto um galho de roseira, cheio de espinhos, e o levo para dentro de casa. Meu amigo, que é novamente homem, está sentado à varanda. Digo-lhe que precisamos

encontrar meu anel, ali guardo nossos segredos. Pela janela vejo o ganso, novamente. Mas quando vou sair, chegam as pessoas da casa: um homem velho de *smoking*, uma mulher de vestido de baile; eles entram, dançando. Uma mulher loura de vestido longo preto e luvas pretas longas entra em seguida, e na mão enluvada dela está meu anel. Tento tirá-lo a jóia mas ela diz que aquele não é o meu anel, que é falso, que o verdadeiro está na casa ao lado.

Corro para a casa vizinha, bato à porta, atende uma mulher chinesa muito velha, ela diz que eu deixe seu patrão em paz, pergunto o que ele faz, ela diz que ele é dono de um restaurante. Vejo o anel dentro da casa, sobre uma almofada, e espero a chinesa adormecer.

Quando a casa está às escuras, tento entrar para buscar meu anel, mas a porta range e não posso abri-la. Subo no telhado e passo a noite ali, chorando, miando como um gato. De repente percebo que o anel está no meu dedo, que foi tudo uma ilusão.

Estou à porta de uma grande festa, tento entrar mas não consigo. As pessoas entram em grupos, eu me escondo entre elas, caminho, mas quando me dou conta, continuo do lado de fora. Avisto uma piscina muito grande e vou para lá, verificar se há outra entrada. Um homem sentado na borda da piscina me faz sinal. Quando me aproximo, uma mulher mulata chega perto dele e o leva pela mão, para longe, eles se deitam e fazem sexo. Uma ruiva vem perto de mim, é uma estrela de cinema, linda, de seios enormes dentro de um vestido de cetim, colar de diamantes e luvas pretas, ela me diz que é órfã como eu, e que se não fosse teria matado seus pais. Escrevo isso num caderninho e peço a ela para assinar, se for verdade o que disse. Ela dá as costas e vai embora, sem assinar, rindo de mim, ondulando os quadris.

Ajudo um homem de óculos *rayban* a carregar uma luz. Digo-lhe que nunca vi antes uma luz ter peso, ele então entra comigo num quarto, tira os óculos, me abraça e beija na boca. Ele diz que eu tinha de passar por tudo aquilo, para conseguir entrar na festa. “Não estou sentindo nada, este beijo é falso”, digo. Ele responde que também não sente nada. Então para que serve beijar? pergunto. Ele diz que faz parte da festa.

27 fev 74

Num banco de areia, com meu filho, muito longe da praia, quase não avisto a areia, as ondas quebrando.

Alguém me chama, mas não sei quem é, uma pessoa pequenina, distante. Vou andando e o pai de meu filho, de um barco, faz sinal de que estamos em perigo. Olho para trás e vejo imensas ondas vindo, com uma espuma alta. Seguro meu filho com firmeza e levanto os braços. A espuma me cobre, mas não a ele. Vejo a água me cobrindo, acima da água está meu filho, com uma luz de sol brilhante, as minhas mãos o segurando, percebo que não vou morrer, que na verdade não há perigo. A onda me leva até a areia da praia onde encontramos um brinquedo para meu filho, um peão azul girando e fazendo um som de vento, também carrinhos de brinquedo.

2 mar 74

O nosso veleiro está no mar. Ao longe nadam tubarões, sinto medo. Quando me lembro de que um navegador pode me salvar, penso nele fortemente e aparece a sombra dele debaixo da água, que se aproxima. Os tubarões estão mais perto, grito, o navegador me dá a mão e me puxa para dentro do mar. Percebo que ele era um tubarão que se transformou em homem. Ele me beija.

20 mar 74

Faço sexo com um homem velho. Estamos num quarto de hotel, há duas camas, uma janela coberta com cortina, um grande armário. As camas estão reviradas. O homem velho termina a cópula e senta perto da janela. Abro o armário, tiro as roupas dele e arrumo sua mala, sobre uma esteira no chão, sei que ele vai embora para sempre e choro.

Entra no quarto um homem vestido de preto, senta ao meu lado e conversamos, ele diz que as pessoas nunca vão embora completamente, que sempre nos lembramos delas e a lembrança é quase a presença. Eu o beijo, sentada em seu colo, ele acaricia meus peitos, e paro de chorar.

22 mar 74

Num camarim de teatro, muito iluminado, visto uma roupa para fazer um espetáculo. Um maiô de lantejoulas em tons de azul, verde, cinza, prata, penas nos cabelos e penduradas pelo pescoço, braços. Experimento fios prateado nas coxas, nos braços, no colo. Me acho bonita com a roupa, mas percebo subitamente que o espetáculo começa, no palco, sem mim. Não é meu, porém de outra artista.

Vivo no século 18, sou casada com um médico que desenha e pinta cenas da vida da cidade. Sou poeta e acabo de escrever um poema, numa escrivadinha, com tinteiro, pena e areeiro. Leio a poesia para meu marido: “Tez alva e fina saliva, roubada em dobrões de ouro...” Digo que foi publicada no *Alcorão*, o que é para mim uma grande honra.

Chega um mensageiro do rei, com uma ordem para que meu marido queime uma pintura na qual retrata prostitutas. Ele diz que não são prostitutas, apenas mulheres vestidas decentemente mas com ar sensual. O mensageiro diz que a ordem do rei deve ser cumprida.

Planejo um stratagema com meu marido. Levamos a grande tela para uma praça, coberta por um pano preto. Mas ali está apenas a moldura. Ateamos fogo à peça, que se transforma em cinza.

24 mar 74

Escrevo uma poesia, num papel queimado nas bordas:

“Ah o meu armário
de curvas bojudas e redondas
refletidas nos espelhos dos meus olhos
de fantasias imundas
profanas e profundas.”



26 mar 74

Estou deitada numa rede, rodeada de crianças que são meus filhos, e de escravas negras. Abro a blusa e tiro o seio. No seio, em vez de uma teta está incrustado um olho azul. Sinto desejo sexual por meu próprio seio. Meu marido faz sinal de que deseja ir para a cama comigo. Vou para o quarto mas, quando me aproximo, meu marido bate a porta e fico do lado de fora. Ele estava com ciúmes do meu seio.

6 abr 74

Num picadeiro, assisto a uma espécie de rodeio, com cavalhada entre mouros e cristãos. O ator principal da cavalhada se aproxima de mim, a cavalo, e me dá um manto de seda com bordados e franja preta. Ele me dá em seguida um cigarro aceso, fumo, a fumaça é deliciosa. As pessoas riem de mim. O cavaleiro faz gestos galantes com o chapéu, fico apaixonada por ele. Ele vai embora, desaparece no meio dos outros cavaleiros e não consigo vê-lo mais.

7 abr 74

Acordo no meio da noite, um ladrão ronda a minha casa. Corro ao quarto de meu filho e fecho as janelas. Em outro quarto, tento fechar a janela, mas está estragada. Desesperada, suco de tanto esforço para fechar a janela, inutilmente. O ladrão se aproxima.

Grito para ele, “Não adianta entrar aqui, não há nada de valor, se entrar vai morrer”. Ele ri, mas vai embora.

Quando entro na cozinha, o ladrão está ali, em pé, com uma faca na mão. Ele me persegue pela casa, me prende. Corta os meus cabelos e vai embora.

Passo defronte a uma casa majestosa, iluminada, onde está havendo uma festa. A casa é cercada de gramados e grades de ferro com desenhos de volutas. Estou vestida como uma indiana, de sari, pedras preciosas, um colar de flores. Entro na festa.

Num salão, iluminado por milhares de velas, mulheres, crianças e homens dançam, vestidos com fantasias, grandes perucas coloridas, saias imensas, rodadas, de seda que range. A dança obedece a uma coreografia antiga. Perto de mim chegam duas crianças pintadas de prateado, com guisas nas mãos. Uma delas me dá os guisas, para eu tocá-los. Toco e entro na dança, tentando acompanhar os passos. A dona da festa me observa de longe, sorri para mim. Ela faz um sinal que significa que eu já faço parte do grupo. Mãe aparece, toda de vermelho, cabelos também vermelhos, até os dentes vermelhos, sinto medo dela. Corro para a varanda, tento sair da festa mas não encontro nenhuma saída entre as grades de ferro. Um homem chega perto de mim para me ajudar, mas ele é repugnante e grito com ele, mando-o embora, até que vem mamãe e me leva de volta para dentro da festa. Suas mãos queimam a minha pele, que fica marcada de vermelho onde ela toca.

20 abr 74

Consigo chegar ao alto de uma montanha e encontro, no cume, uma mulher vestida a rigor, de luvas longas negras, colar de pérolas, muito elegante. Falo com ela, mas ela não me responde, olha para o horizonte como se esperasse algo.

21 abr 74

Passo defronte a uma casa e vejo uma placa anunciando que está para alugar. Bato à porta e um empregado atende, confirma sobre o aluguel e me manda sentar e esperar o dono. Vejo sobre uma mesa camisas rebordadas, plumas, coisas femininas, e percebo que o dono da casa é homossexual.

O dono da casa entra na sala. Tem o rosto de um índio boliviano. Conversamos algum tempo, mas não entendo o que ele diz. Ele faz um sinal e me guia pela imensa casa, mostrando os quartos mobiliados. Há muitas pedras espalhadas pela casa, grandes ou pequenas. Percebo que já sonhei com aquela casa, conto ao dono, ele diz que é curioso, sonhar duas vezes com a mesma casa, penso então, como pode ele saber que estou novamente sonhando? Decido não alugar a casa, mas quando ele abre uma porta e entramos numa grande biblioteca, coberta de estantes com milhares de livros antigos, encadernados, uma mesa de madeira com um globo terrestre e uma pilha de papel, uma pequena e antiga, mas preciosa, máquina de escrever, mudo de idéia e digo que vou ficar com a casa. Pergunto o preço, ele diz que é muito caro, talvez caro demais para mim, que sou sozinha. Digo que vou conseguir pagar, se ele deixar os livros. Ele concorda e alugo a casa.

22 abr 74

Há uma inundação em minha casa. Luto para salvar algumas coisas da água, mas ela vai tomando tudo, destruindo, uma água barrenta, vermelha.

Consigo tomar um barco, um navio iluminado. Depois de navegar algum tempo chegamos a um cais, e eu me vejo com duas malas, uma em cada mão, pesadas. Quando vou pular do convés o barco desencosta e parte. Caio na água preta do mar, estou quase me afogando quando percebo que é apenas um sonho e decido voltar atrás, estou no convés do barco com as duas malas pretas nas mãos e desembarco no cais de madeira. O barco se afasta e vejo que na verdade ainda estou nele, com as duas malas nas mãos, olhando ansiosa para o cais. Pessoas deitadas em cadeiras de navios, cobertas por mantas quadriculadas, acenam para mim.

Recebo a notícia de que um avião caiu e morreram todos. Telefono para a casa de mamãe, a voz de um homem diz que ela estava viajando e seu avião caiu. Choro, repetindo, “Não tenho pai nem mãe, não tenho pai nem mãe”.

Vou ao quintal da casa, onde pessoas sentadas debaixo de uma árvore conversam sobre mamãe. Fico ouvindo, encostada detrás de uma tela de arame. Vejo ao meu lado um estranho animal, parecido com um mico. Ele morde minha mão. Saio de perto dele, mas encontro outros animaizinhos estranhos, misturas de coelhos com gatos, de cachorrinhos com macacos, um esquilo com chifres, lagartixinhas com penas, que me mordem.

As mordidas não doem. Encontro coleiras e as ponho no pescoço de alguns dos animaizinhos, mas muitos conseguem fugir antes de serem amarrados pelas coleiras. Alguém diz que eu preciso soltar os bichinhos, mas respondo que eles não podem mais ficar soltos, precisam ser domesticados, senão eles vão me domesticar. Pego tabletes de açúcar para domesticar os animaizinhos mas eles se desprendem das coleiras fogem por um buraco no arame, que eu mesma fiz, sobem pelo tronco de uma árvore e se escondem de tal forma que não consigo vê-los, mas eles continuam a me morder.

2 jun 74

Eu vôo acima de altas montanhas cobertas de neve, sinto frio, passo entre nuvens, entre flocos de neve, vôo sem asas, é um poder do meu corpo. Passo por cima de uma floresta, cortada de rios caudalosos. Sinto medo, sei que terei de lutar com uma pantera negra. Quando desço em terra, me transformo num menino de sete anos. Entro num lugar de madeira, onde encontro milhares de tabuinhas de todas as formas. Encho uma saca de tabuinhas, e ao examiná-las descubro que são livros. Tento entender o que está escrito nas tabuinhas. Ouço um rugido e vejo, atrás de mim, a pantera negra. Fujo pela floresta, ela vem atrás de mim, pula nas minhas costas e me derruba. Lutamos, ela me morde, sinto uma dor horrível. Mas consigo escapar, subindo numa árvore.

8 jun 74

Ladrões entram na minha casa e destroem tudo. Sentam-se à mesa da cozinha e comem o que encontram, bebem as garrafas de vinho. Chego nesse momento e eles dizem que só vão embora se eu der uma camisa branca para cada um. Mas não tenho camisa branca. Procuro, entre os destroços, camisas brancas; mas não há nenhuma. Eles riem de mim. Encontro camisas brancas, visto-os e eles têm de ir embora. Fico rindo deles.

9 jun 74

Um casal dança, ela toda coberta de flores negras. Parecem flutuar. Ela chora, suas lágrimas escorrem pelas flores. Ela manda o homem vestir uma roupa de mulher, ele veste uma saia comprida. Crianças brincam numa pracinha de terra batida, em gangorras, balanços, num carrossel. Percebo que o casal não está mais dançando, desapareceu.

Um menino de dois anos abre a minha blusa e mama nos meus seios, digo que não há mais leite. Mas o casal volta a dançar, e o leite escorre de meus seios, as crianças vêm beber.

10 jun 74

Estou jantando, e quando observo, apavorada, que minha comida no prato se transformou em um monte de baratas, vomito baratas.

11 jun 74

Vou, com outras pessoas, numa estrada por um planalto, cercada de vegetação de cerrado, com flores estranhas e troncos que se movem. Meu filho está de mãos dadas comigo. Estamos cansados e com sede. Avisto um carro fazendo uma nuvem de poeira vermelha e corro, para alcançá-lo. O carro aumenta a velocidade e cai num abismo. Digo: “Mas não havia nenhum abismo antes, neste lugar”. Meu filho desce pelas pedras do abismo, grito que ele não vá, mando-o voltar. Lá embaixo há um rio de águas azuis, muito limpas, frescas, e desço também, para beber. Mas meu filho e eu vamos caindo, vertiginosamente.

Numa varanda enorme estão muitas pessoas. No céu se vê uma sombra negra passando na frente da lua e constato que é uma bruxa. Digo para as pessoas que vi uma bruxa, mas elas não acreditam. Mando que olhem novamente, e a bruxa reaparece, as pessoas ficam boquiabertas. A bruxa vem cada vez mais perto de nós. Chega tão perto que podemos ver seu rosto, uma bela mulher, loura, de lábios vermelhos. Ela usa uma malha branca rendada colada ao corpo, chapéu, bota, luvas, bastão e capa negros. A bruxa começa a dançar e fico com inveja do seu poder de voar. Ela pára na minha frente, aponta para mim e joga em mim uma força, que faz tremer o ar. É o momento de fazer os pedidos. Faço o meu: quero ser bruxa também. A mulher então se transforma numa velha encarquilhada, horrenda, ela ri de mim, aponta para mim. Saio correndo, para fugir ao que eu mesma pedi, mas vejo que minhas mãos estão se encarquilhando, grito de desespero, entro numa cozinha e enfio minhas mãos numa panela de água fervendo e as mãos voltam ao normal. A bruxa entra na cozinha e faz pratos mágicos, tortas, pães coloridos, pássaros enfeitados. Os ajudantes vão pondo os pratos na mesa da sala e se inicia um banquete. Todos comem e dançam, uma dança cada vez mais rápida, eu também danço, e a bruxa diz, “Este é o teu ritual de iniciação”.

Caçadores capturam, no meio da mata, um ser estranho, muito alto, assustado, o corpo pintado de vermelho como um índio, mas não é um índio. Eu o toco no corpo todo, para saber quem é, ele fica excitado sexualmente e pressinto que vou fazer uma incrível descoberta. Levanto os cabelos dele e encontro uma orelha de vaca e um chifre pequeno. O ser se torna ameaçador, recolho no chão cacos de vidro. Ele me persegue, jogo nele os cacos de vidro, que o ferem. Ele sangra. Eu me arrependo, digo: “Desculpe, não queria sentir medo de você, mas sinto”. Saio correndo, encontro uma casa, dentro da casa há um buraco, entro no buraco, o ser vem atrás de mim, rastejo por labirintos e ele rasteja atrás de mim.

2 ago 74

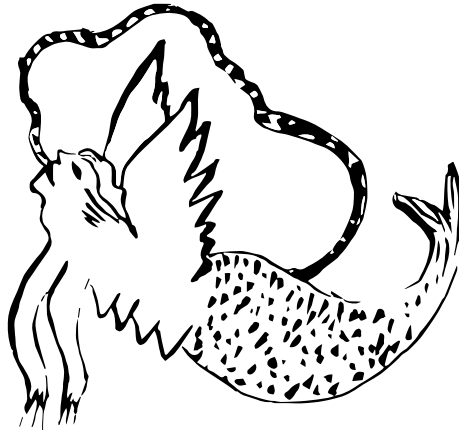
Converso com um homem, olho para seu rosto e vejo que ele se transforma num homem horrendo, mas continuo conversando, fingindo que não vejo sua monstruosidade, para não magoá-lo.

24 jan 76

Vejo um homem no fundo de um poço profundo e escuro. Da beira do poço vejo estrelas no chão negro. O homem me pede ajuda. Tiro meu rabo peludo, que é muito longo, jogo-o dentro do poço e o homem sobe por ele.

25 jan 76

A uma mesa de um restaurante, janto com um homem. Dos bolsos dele saem maços de dinheiro. Levanto e vou sentar na frente de outro homem, mas um muro surge entre nós. Ele fala com uma voz calma, o muro vai ficando transparente e vejo que sou eu mesma quem está do outro lado, falando comigo. Dos olhos do homem que sou eu, duas mãos saem e me puxam pelos cabelos, ele quer me comer. Digo que ele não pode me comer, pergunto se não quer dançar comigo. Ele se levanta e dançamos. Há uma fila imensa de homens e tenho de dançar com cada um deles, eu me divirto muito, até que fico cansada, mas eles não me deixam parar, me dão flores, um deles me abraça e diz que posso parar de dançar, mas vou ter de pagar por isso. Sento de novo à mesa, diante do mesmo homem de antes, que sou eu, o rosto dele é um espelho onde me vejo refletida. Nascem asas brancas imensas nas minhas costas, depois penas, depois meus olhos se transformam em fogo e nascem chifres nos meus ombros, dos meus peitos escorre vinho, vêm duas nuvens e chove apenas em cima de mim. Apavorada, fujo e entro numa alameda entre canteiros de hortênsias, no final nasce o sol, passarinhos me bicam, mas sei que terei de chegar ao sol.



23 mar 76

Numa aldeia, no topo de uma montanha muito alta, alguém chega perto de mim e diz que dali para a frente terei de caminhar sozinha para chegar até meu país.

A pessoa me dá alguns mantimentos e me deseja boa sorte. Olho na direção do meu país, um horizonte a perder de vista. Sinto um medo imenso, penso nos caminhos longos que terei de percorrer, sozinha. Pego a sacola com mantimentos e começo a descida da montanha. Ando o dia inteiro, até que ao anoitecer chego a uma pequena cidade onde, nas ruas, pessoas dançam. Entro num beco e vejo que as pessoas estão bêbadas. Ainda não é meu país, penso. Mas um homem me agarra e quer me estuprar. Fujo. Avisto um amigo meu dançando com uma mulher, peço-lhe que me salve, mas ele também tenta me estuprar. Corro, consigo sair do povoado. Mas esqueci o saco com os mantimentos.

Sei que terei de continuar assim mesmo.

ANA MIRANDA (1951)

Ana Miranda nasceu na Praia de Iracema, em 1951. Escreveu os romances *Desmundo*, *Amrik*, *Dias & Dias*, *Yuxin* e *Semíramis*, entre outros, publicados pela Companhia das Letras. Seu primeiro romance, *Boca do Inferno*, de 1989, pertence ao cânon da literatura brasileira. Ana publicou também livros de poesia, contos, novelas, biografias e livros infantis. Viveu no Rio, em Brasília, em São Paulo, e hoje mora numa praia do Ceará. Ela declarou que toda a sua obra, tanto em literatura como em desenho, é onírica. Anotou seus sonhos desde a adolescência, em diários que se perderam. O último desses cadernos, de 1972, foi encontrado por sua mãe, e publicado em livro pela Dantes Editora.

www.anamirandaliteratura.com.br

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Agradecemos a Anna Dantes pela editoração.